



Diário

Fotos: Arquivo Irmãzinha Therezinha de Jesus



Entre os Tapirapé

Irmãzinha Therezinha de Jesus

Essas três Irmãzinhas de Jesus - Clara, Denise e Genoveva - chegaram à aldeia Tapirapé - perto do Araguaia, em junho de 1952, vindas da França. Eram muito jovens, apostavam num mundo de irmãs e de irmãos e vinham, como religiosas, em busca de um pequeno grupo de Tapirapé: uns cinqüenta apenas, desconhecidos talvez em sua própria terra.

Elas acreditavam na fraternidade humana, transfigurada, ainda mais, pela fé cristã que as habitava. Vinham a eles só com a pretensão de serem suas irmãs. Porque era pretensão, pediam ser acolhidas. Não queriam impor-se, pediam ser hóspedes. Sabiam-se diferentes, queriam aprender. Entravam de pés descalços porque o chão era sagrado. Abriam o coração para acolher o segredo próprio do povo, com um respeito infinito pelo que lhes seria desvelado ao longo da vida.

Sua família religiosa - a Fraternidade das Irmãzinhas de Jesus (1) - nascera em terra do Islam, entre os nômades do Saara. Com o mesmo respeito com que suas maiores tinham se aproximado do povo mulçumano, com sua fé outra, sua cultura diferente, essas três irmãzinhas chegavam aqui para viver esse mesmo desafio do amor pelo outro, enquanto outro: deixar que o outro seja outro para, num diálogo de fraterna igualdade, poder entrar numa comunhão de vida, de destino, numa solidariedade de amor.

Teriam elas o direito de entrar na intimidade desse povo? Só a discrição do amor que se propõe, se expõe, mas nunca se impõe, podia justificar a entrada na vida de um povo sofrido e espoliado. A autenticidade dessa aliança tinha ainda que ser verificada e selada na vida. No dia-a-dia, no sol, no vento, na luta pelo alimento de cada dia, pela saúde, pela cultura a ser preservada, pela terra a ser conquistada frente à ameaça dos grandes, à convivência dos governantes. Na dor e na alegria, na luta e na esperança, nas riquezas e nos limites, de um lado e de outro.

De tudo isso os diários falam um pouco. A cena é ocupada por eles, pelos Tapirapé. É deles que se trata. De sua vida, de seu mundo, de seu ser profundo. Limitados também, como todo e qualquer povo, eles têm, sem dúvida, reservas de humanidade das quais nossa sociedade teria muito que aprender. São, porém, vulneráveis e não vivem impunemente os impactos que sofrem da sociedade envolvente, da cultura hegemônica. Possam eles preservar-se o mais possível e, numa troca de saberes, compor um caminho sempre novo, a partir de sua própria índole.

No momento atual, os Tapirapé são quase quatrocentos, divididos em dois grupos. Dessas três irmãzinhas, Genoveva, agora com 76 anos, continua no meio deles, com outras duas. Ficou marcada em seu corpo e em seu ser por esse povo, por essa terra, pelo vento, pelo sol, pela chuva, pela roça, pelas

1-) Inspirada no pensamento, na vida e na morte de Carlos de Foucauld, que viveu no Saara no começo do século.

Segunda-feira, 23 de junho de 1952

Entramos no rio Tapirapé e começo a sorrir, pois até então nada me atraía... mas desta vez é realmente aqui que Deus nos quer... depois de atracado o barco, seguimos por pequenos atalhos, atravessando um trecho com árvores esparsas e arbustos selvagens, avistamos a aldeia: encontramos uns vinte Tapirapé, de olhar simples e bondoso, cabelos longos, acolhendo-nos com o mesmo sorriso. É com eles que vamos viver...

Explico às irmãszinhas o meu pensamento, que é muito simples: elas se farão Tapirapé para, daqui, irem aos outros e amá-los... Mas serão sempre Tapirapé. E assim amarão os Kayapó, aqueles mesmos que os atacaram...

Do diário da Irmãzinha Madalena, fundadora da Fraternidade das Irmãszinhas de Jesus, em seu primeiro contato pessoal com os Tapirapé. Clara, Denise e Genoveva chegavam com ela para conhecê-los, mas só ficariam definitivamente na aldeia depois de três meses em Conceição de Araguaia, dedicados ao estudo de português.

Quinta-feira, 1 de janeiro

Xako'iaçari chega com a mulher e com os filhos e Clara aproveita para aprender com ele os acabamentos da peneira que está fazendo. Além de hábil, ele é um bom professor e a irmãzinha, por sua vez, vai tomando jeito. Korawa chega um pouco mais tarde e se propõe a ajudá-la. Quando a peneira fica pronta, muito orgulhosas, nós a penduramos na parede da cozinha como os Tapirapé o fazem.

Denise, a convite de Awarao, vai servir-se de paçoca de carne de porco no pilão dele. A gente se serve com uma cuia, é bem mais prático do que com uma colher de alumínio... vemos que, cada dia mais, fazemos parte da aldeia, entrando nas casas familiarmente, sem que ninguém se incomode...

Sábado, 3

Genoveva e Clara saem cedinho para a roça, acompanhadas por três crianças, pois



ainda não conhecem bem o caminho. Vão levando várias sementes, as enxadas e os facões. Os meninos levam os arcos deles com as flechas. Depois de passarem pe-la roça antiga para pegar mudas de bananeiras, entram pela mata a dentro, até a roça nova, onde os Tapirapé guardaram um cantinho para nós. Plantam arroz, milho, abóbora e bananeiras. Na volta,

Quarta-feira, 7

Nesta época, a quantidade de mosquitos e outros bichinhos, de manhã à noite, não é brincadeira... Por isso decidimos nos levantar mais cedo, às 4h30, para estudar português e tapirapé. De madrugada talvez eles nos deixem em paz!

Dia de abundância... Cedinho nos trazem um jaboti. Como é o primeiro que ganhamos, pedimos aos Tapirapé que nos mostrem como tirar o casco e limpá-lo. Depois aparecem porco selvagem, ovos, dois pequenos tatus... Desde que perceberam que temos dificuldade para comer carne seca, não nos faltam mais outras iguarias.

Quarta-feira, 14

Mais ou menos à uma hora da tarde, quando estamos na capela, ouvimos gritos e cantos que nos parecem anormais. Por fim, um choro dilacerante de mulheres e crianças nos obriga a interromper a adoração. Taywi chega na mesma hora: um garoto morreu, banhando-se no rio. Saímos correndo, sem esperar outras explicações, sem mesmo saber quem foi... Foi o mais velho dos "xire'i (2)", Warinimytygi, e gostávamos muito dele! Pelas explicações, compreendemos que deve ter tido uma convulsão e se afogou. Vieram nos chamar tarde demais. Já está morto e nós permanecemos ao seu lado, impotentes e silenciosas. Dentro da casa, todos - homens, mulheres e crianças - gritam cheios de aflição... tarde pungente! Um atrás do outro, todos eles vêm a nós com os olhos vermelhos e nos explicam como aconteceu. Raspam a cabeça da mãe que se lamenta muito e queima todos os cachorros e as galinhas dele, para que não reste nada mais do filho. Os homens da família, em sinal de luto, tiram os colares e os enfeites das pernas. O irmão e a irmã de Warinimytygi também raspam a cabeça. Os cantos e as danças duram a noite toda.

Quando voltamos à casa do xire'i, vemos a mãe fazendo sinais sobre o corpo do filho, com um ar suplicante. Um Tapirapé deitado sobre ele tenta reaquecê-lo. Passam-lhe urucu nos cabelos e fazem desenhos com tinta preta no rosto. Duas mulheres trabalham rápido, tecendo pulseiras de algodão para ele. Nós só temos o recurso da oração: restam tão poucos Tapirapé e ainda morre um jovem!

Noite de vigília e oração, oferecendo a Deus, em louvor e súplica, os cantos dos Tapirapé.

Quinta-feira, 15

Nossa oração hoje ainda traz a marca desta morte, deste sofrimento. Três ou quatro Tapirapé vêm pedir-nos que batizemos o xire'i. Percebemos, então, que ontem esperavam que rezássemos por eles e não nos lembramos da oração dos agonizantes... Estão realmente inquietos, pensando que Warinimytygi não fora batizado. Tentamos tranquilizá-los pois

(2) Os garotos de 10 a 12 anos, quando começam "oficialmente" sua iniciação à idade adulta, são chamados: xire'i.

(3) Dom Luís Palha, dominicano, era naquele momento o bispo da prelação com sede em Conceição do Araguaia.

sabemos por Dom Luís Palha (3), que todos os Tapirapé foram batizados. Explicamos que o batismo só se celebra uma vez, que ninguém é batizado de novo na hora da morte. Ele está certamente com Deus. Então ficamos um pouco ao lado do corpo e rezamos uma dezena do terço. Na casa ao lado, que é do irmão dele, um Tapirapé cava o túmulo: um retângulo bem feito, do comprimento do corpo.

No começo da tarde, entre gritos e prantos, dois homens carregam o corpo para a casa onde foi cavada a cova e dentro dela penduram a rede. A mãe cobre-o com algodão, põe um pano por cima e depois fecha a rede, envolvendo o corpo com ela. Por fim recobrem a cova com três traves de madeira bem dura e colocam alguns troncos por cima delas, formando como um teto. Trazem sacos, esteiras e redes para tampar as frestas: assim o corpo ficará isolado da terra que será jogada por cima. Só então os Tapirapé recomeçam as danças. Esses cantos fúnebres são lancinantes e o ritmo é muito exigente. Todos estão pálidos e cansados, mas nem por isso param de dançar. No final, até aceleram o ritmo!

As danças acabam e lemos as orações para o sepultamento. Depois ficamos com eles até o pôr do sol, quando ao som do cantos recobrem o túmulo (4) de terra. Ainda dançarão na noite seguinte, para que a terra fique "branca", como eles dizem.. isto é, bem batida. Só quando estiver bem seca, daqui a 4 ou 5 dias, a mãe devolverá a alegria (5) e então poderão cantar e dançar normalmente.

O drama desses dias reaviva em todo mundo a lembrança de tantas mortes na ocasião em que os Kayapó invadiram a antiga aldeia, tocando fogo nas casas e matando mulheres e crianças. Lembram-se também das mortes que foram ocasionadas pelos contatos com os chamados "civilizados".

Sábado, 17

Genoveva vai à roça com Xario e a mulher e volta no fim da manhã com uma peyra (6) que Xario fez para elas, cheia de mandioca.

Todos os Tapirapé estão doentes. Dançaram muito e se resfriaram. Temos que distribuir remédios sem parar.

Domingo, 18

Recebemos muitas visitas. A mãe de Warinimytygi passa um bom pedaço conosco, falando do filho. Depois a casa se enche de homens. Taywi nos mostra sua previsão de balas de espingarda e nos explica que estão querendo ir caçar porcos, bem longe daqui. Nessas caçadas eles começam por assustar os porcos, correndo atrás deles para forçá-los a se aproximarem. Ultimamente tem sido bem difícil conseguir agarrá-los.

(4) O ritual é bonito, respeitoso do corpo que fica deitado na rede, protegido por um assoalho. A terra tem que ser bem peneirada. Depois, ao colocá-lo, socam-na bastante, para que não fiquem brechas. Durante vários dias a terra deverá

Segunda-feira, 19

Todos os homens vão caçar mas antes passam por nossa casa. Alguns vêm para um curativo, outros para pedir um machado emprestado... mas a maioria vem só para se despedir.

Algumas mulheres Karajá chegam de manhã, trazendo os filhos que estão doentinhos, para que Clara trate deles. Um Tapirapé vai passando em frente de casa e ao perceber que Genoveva tenta em vão cortar uma grande tora de lenha, racha-a num instante para nós.

Xako'iapari já está de volta e nos traz um pedaço de porco.

Terça-feira, 20

De manhã, um dos rapazes chega da mata, na carreira, gritando... Imediatamente, de todas as casas, saem correndo os homens adultos ou jovens, cabelos ao vento, arcos e flechas na mão. Os cachorros seguem, latindo. Alguém, ao passar, nos explica: "Porco!". Depois da sesta, vemos que já voltaram da caçada. Okariwa e Irawyo vêm nos chamar. No meio da aldeia, ao lado da casa dos homens ainda inacabada, todos estão reunidos e vemos treze porcos! Os Tapirapé estão felizes e orgulhosos. Vários deles mataram dois e alguns, até mesmo três. Saindo pelo norte da aldeia, perseguiram a manada até o sudeste. Cada um tira rapidamente a pele do animal que caçou, mas com muito cuidado, a fim de não rasgá-la e poder vendê-la depois. Fazem trocas de carne, mas aqueles que nada mataram também saem com as mãos cheias. Ganhamos tanta, que temos que recusar vários pedaços.

Nas casas, as vigas do telhado ficam coloridas com a quantidade de carne pendurada nelas. Os cachorros, muito excitados, brigam. As crianças ajudam os pais e aprendem a lidar com a carne.



Depois se ouvem, pela aldeia, golpes de machado e depressa surgem os jiraus de madeira verde na frente das casas. As mulheres vigiam a carne, enquanto os homens estendem as peles para secar. Nós também fazemos um jirau e assamos a carne em cima dele.

Se eles não estivessem de luto, nesta noite iriam cantar e dançar mas tudo se passa numa calma relativa. Depois de comer, Okariwa e Awarao nos contam a vida e os costumes deles, que começamos agora a conhecer.

Quarta-feira, 21

Chove, a aldeia está calma e silenciosa, cada um na sua rede, descansando das atividades de ontem. Depois acendem novamente o fogo sob os jiraus. Como costumam assar a carne em fogo baixo, é preciso recommear várias vezes e ela acaba

(5) O luto é vivido por toda a aldeia. A família do morto determina a duração deste, em diálogo com as lideranças. Quando fica decidido seu término, uma pessoa da liderança "devolve a alegria", cantando de noite. A família, então, chora pública e ritualmente pela última vez.

ficando defumada. Alguém passa, subindo o rio Tapirapé. Vai a S. Paulo e poderá levar cartas. Então nós três começamos escrever. Todos os homens vão ao Posto do SPI (7) trocar as peles dos porcos por roupas, facas, etc.

Quinta-feira, 22

Vários Tapirapé nos dizem que foram os Karajá que jogando feitiço nele. Já estávamos suspeitando que eles acreditavam nisso, pois estão se recusando a trocar roupas e outros objetos com os Karajá. Tentamos explicar que isto não deve ser verdade, mas não os convencemos.



Sexta-feira, 23

Okariwa volta da caça e vem nos presentear com um macaco que matou. Impossível recusar. A repugnância é grande, mas assim mesmo a gente resolve experimentar... E não é que é muito gostoso?

Construção da casa das Irmãzinhas na aldeia atual, depois da divisão em dois grupos (aldeia Iapi Itawa).

Domingo, 25

Vamos buscar algumas frutinhas na mata porque queremos ficar um pouco a sós. Aproveitamos bem da sombra fresca.

No fim da tarde vão chegando, em grupos, os homens que saíram esta manhã para buscar mel selva-gem. Deve ser a época, pois chegaram bem carregados. E cada um nos traz uma xícara de mel - que tem um gosto bem diferente, mas delicioso! Depois passamos pela aldeia, conversamos e brincamos com as crianças...

Os adultos estão fazendo arcos pequeninos, de brincadeira. Assim as flechas que lançam não machucam ninguém.

Então, sem que tivéssemos previsto, passamos com eles umas horas boas de lazer...

Segunda-feira, 26

A boa colheita de mel, ontem, animou os que ainda não tinham ido. Oparaxowi vem buscar nosso balde de 10 litros para ter certeza que trará tudo que encontrar... Um pouco mais tarde, vai a família inteira. Querem ir longe, e como se ausentam por três dias, têm que levar

(6) Cesta tecida em folha de bacabeira que serve para carregar produtos da roça, pendurada nas costas com três alças feitas com embira: uma para cada braço e outra para a cabeça, dividindo assim o peso da carga.

(7) Serviço de Proteção aos Índios (SPI.)

(8) Escanchado: levar uma criança pequena com as pernas abertas rodeando a cintura ou o pescoço do adulto ou da criança maior. Segura-se a criança com um tábua no corpo de quem a leva, ficando assim com os braços livres para

tudo: redes, farinha, panelas, cabaças... Os homens vão com a peyra e as mulheres com um saco nas costas: a mãe leva o filho escanchado(8) na cintura, duas meninas carregam quatro ou cinco cachorrinhos. É tudo o que possuem e deixam a casa vazia. Nós ficamos sonhando com o dia em que seremos quatro e duas poderão ir com eles e aproveitar da riqueza da mata para também fazermos nossas provisões...

Terça-feira, 27

Ataxowoo vem nos ensinar a preparar um prato especial com frutas selvagens e mel, que cozinha enrolado em duas folhas. Terminamos de fazer uma mesinha e um banco para a cozinha, com paus roliços presos em duas forquilhas. Fica sólido e prático e não destoa no cenário...

Quarta-feira, 28

Duas famílias saem para uma pescaria. Como voltam esta tarde, decidimos que duas de nós irão com elas; tudo é muito rápido, estamos de jejum.. mas as acompanhamos, munidas de um saquinho com farinha e dois facões.

Camínhamos formando um longa fila indiana, acompanhadas de mais ou menos uns vinte cachorros, para enfrentar qualquer eventualidade na mata. Vamos conversando e nos revezando para levar as cargas: arcos, flechas, cabaças... e crianças, pois todos os bebês das duas famílias fazem parte da expedição! Depois da mata, atravessamos um campo bem grande, um ribeirão, outro campo e chegamos enfim perto de um lago. Depois de contorná-lo, descemos o ribeirão que vai desaguar no Araguaia. Andamos mais uns 400m e paramos. É aqui. Estamos em plena mata, à beira da água que corre sob os cipós e galhos. Mosquitos em quantidade, que matamos com tapas mútuos... Mulheres e crianças se vestem para se proteger um pouco e vamos logo cuidar do fogo, enquanto os homens matam alguns peixes. Apesar de cada família preparar sua fogueira, uns e outros vêm assar na nossa e servem-se da nossa farinha com a mesma simplicidade com que pegamos a deles. Só lamentamos o fato de não sabermos comer bem com as mãos. Depois da primeira refeição, os homens vão cortar timbó (9). Voltam logo depois com um feixe que deixam na água, um pouco acima do canal por onde o lago deságua no ribeirão. Cada um deixa o facão com a mulher e todos nos fazem muitas recomendações: "Fiquem perto da barragem de palha que estamos fazendo e quando o peixe chegar, matem com o facão. Mas, cuidado! As piranhas, só peguem quando estiverem bem mortas!" Um pouco inquietas com a nossa ignorância, perguntamos se as mulheres sabem tudo isso?... Eles nos tranquilizam. Então, tudo bem...

O momento da pescaria chega! Todas descemos para a água, que cobre nossas pernas pela metade, com o facão na mão. As mães carregam as crianças escanchadas na cintura.

(9) Timbó: cipó que, agitado na água, envenena os peixes, asfixiando-os. Os peixes sobem para a superfície procurando respirar e assim são presa fácil para os

Agitação no começo, depois cada uma encontra um bom lugar e faz uma boa pescaria. Evidentemente, nós duas deixamos passar muitos peixes... Depois de um certo tempo, alguns homens chegam e Okariwa fica ao lado de Denise. Um peixe grande escapa com uma flecha no corpo e é preciso persegui-lo até alcançá-lo. A pescaria dura quase duas horas e nós vibramos! Para nos animar, os homens nos chamam várias vezes para matar um peixe parado diante deles, que parece esperar tranqüilamente por nós.

Na aldeia, Clara passou um dia tranqüilo. Preparamos logo o jirau de lenha e bambu e acendemos o fogo para cozinhar e defumar nossos peixes. É a única maneira de conservá-los. Mas o principal é que estamos felizes por esse dia que lhes provou, mais pela vida do que pelas palavras, nosso desejo de partilhar totalmente a vida deles!

Domingo, 1 de fevereiro de 1953

A mãe de Warinimytygi ainda continua com seus lamentos fúnebres. Ela chora muito alto, de cócoras, perto da casa ou do túmulo, fazendo gestos com os braços. Esta noite, um grito lúgubre, muito forte, nos acordou. Repetiu-se por duas vezes. Os cachorros se assustaram e ladraram ruidosamente. Ouvimos algumas conversas pela aldeia e depois o silêncio voltou.

Segunda-feira, 2

Os Tapirapé não querem, de jeito nenhum, dizer-nos que grito foi esse à noite e fingem que não ouviram nada. Aos poucos, ficamos sabendo pelas crianças que foi a alma de Warinimytygi, mas gostaríamos de ter alguns detalhes sobre a cultura deles. Xiranowa resolve nos explicar e diz-nos simplesmente que quando um Tapirapé morre, sua alma grita quando os outros gritam, corre com eles, vai às caçadas e pescarias...

De tarde Koxaikato nos traz espigas de milho para fazermos kawi (10), refeição típica deles. A mãe dele também está preparando um. Então vamos à casa dela para aprender. Eles ficam felizes vendo nosso interesse, ainda mais que voltamos lá várias vezes para observar bem todo o processo... e de cada vez, ganhamos algum presente: um peixe, uma abóbora... e por fim, o rabo de um jacaré pequeno, que provaremos amanhã pela primeira vez...

Terça-feira, 3

Ao meio dia comemos um pedaço de jacaré, que tem gosto de peixe, mas a carne é mais dura e consistente ou, poderíamos dizer, um pouco como borracha... e sentimos menos repugnância ao comê-lo do que quando ganhamos o macaco ou a tartaruga.

Luciana, filha de Dona Inês (11) vem da fazenda com vários casais de noivos que esperam a vinda de Frei Gil. De tarde, toda a aldeia se diverte à nossa custa, porque queremos fazer kawi como eles. Uma das mulheres vem ajudar-nos com muita boa-vontade e depois

(10) Kawi: bebida fermentada, que pode ser feita com milho, arroz ou mandioca.

(11) Família sertaneja dos arredores.

(12) Embira: entrecasca para amarrar a carga e carregar a peyra nas costas.

fazemos a "distribuição das colheradas" até que todos tenham provado.

Quarta-feira, 4

Assim que a chuva termina, vamos para as roças. Um Tapirapé nos acompanha e, claro, também Makapyxowi, Konomiti e Xiranowa, nossos companheiros indefectíveis. Xako'iapari e sua mulher nos alcançam no caminho e então começam as trocas de peyra, crianças, ferramentas... Vamos primeiro à roça antiga com nossos três jovens guias. Sentimos muita segurança com eles, no meio deste emaranhado de troncos, galhos e cipós, onde ainda não conseguimos nos situar bem.



Irawyo, que era um dos mais velhos quando as mulheres chegaram.

Quando terminamos penosamente de colher a produção de mandioca, percebemos que não temos bastante peyra para carregá-las, nem embiras (12) suficientes para amarrar os feixes. Essas constatações para os Tapirapés são sem importância, mas não para nós. Levamos um tempão para confeccionar nossas peyra. Já é tarde, os meninos estão com sede e custamos a perceber de que touceiras devemos tirar as mudas de bananeira que queremos replantar na roça nova.

Todo mundo se reúne à margem do riacho de águas frescas que banha essa roça. A mandioca para fazer farinha está pubando (13) nele... apesar do cheiro forte da água, todos a apreciamos muito: bebemos e depois nos banhamos.

Deixamos os três meninos numa casinha em construção, onde Xako'iapari está assando macacheira e eles sobem num instante na viga do telhado, e ficam lá, chupando os roletes de cana. Então vamos sozinhas à roça fazer nossas plantações e uma família se surpreende ao nos ver passar ao longe. As mulheres Tapirapé não ousam andar sozinhas.

Na volta, arrastamos uma folha de bacaba gigante até a aldeia. Em casa, com a cabeça descansada, teremos mais condições para fazer uma peyra...

Sábado, 7

Não longe, no rio, abaixo e acima daqui, centenas de Karajá estão se reunindo para uma grande festa e os Tapirapé vão assistí-la. Inútil dizer que recebemos muitas visitas deles, mas é difícil con-versar... Os Tapirapé procuram nos ajudar. Korawa parece meio perplexo.. Não entende e nos pergunta: "Vocês gostam também dos Karajá e Kayapó? Makapyxowi responde logo: "Eu, não! Eles mataram minha mãe". Então explicamos a eles que, é claro, queremos mais bem aos Tapirapé porque nós os conhecemos melhor. Koxirawa permanece impassível o tempo todo, com um olhar des-confiado. Mas assim que os Karajá vão embora, ela cai na

(13) Pubando: processo para fazer farinha, em que se coloca a mandioca dentro d'água corrente para que saia o veneno (manipuera). Ela fica uns 3 dias na água, amolece e solta a casca. Depois é só pisá-lo, peneirá-lo, cozinhá-lo, mexendo para que fique solto e mole. Ela deve ser comida na hora.

(14) Chefe do posto do SPI



Primeira foto tirada na chegada das Irmãzinhas, em fins de junho de 1952.

risada e parece divertir-se às custas deles...

Genoveva fabrica um jirau para secar farinha. Os Tapirapé ficam surpresos ao ver que queremos que a nossa farinha fique igual à deles. E Taywi em sua casa, faz uma porta igual à nossa...

Domingo, 8

Visita dos funcionários do Posto SPI. Seu Valentim (14) nos dá algumas notícias do mundo... Estamos completamente cortadas de tudo.

Quando eles vão embora, subimos num morro, bem redondinho, perto da aldeia. Pela primeira vez, vemos a extensão da mata. Embora estejamos a 50m de altura, a sensação é quase de vertigem... Uma imensidão verde que se estende até o céu, salpicada aqui e ali de pequenas elevações. Do outro lado, atrás da cortina das grandes árvores, o rio Tapirapé e a foz imensa onde desemboca no Araguaia. Tudo cercado pela areia alva das praias. É muito emocionante! Tudo está tão tranqüilo... Ao longe, na fazenda, ouvimos o canto dos noivos, enquanto esperam a hora do casamento... Rezamos o terço antes de descer. Alguns Tapirapé vêm ao nosso encontro e Taywi nos diz que de uma outra vez nos mostrará o lugar da aldeia antiga, bem longe daqui.

Makap̄yow̄i chega correndo enquanto jantamos e nos conta que Xako'iapari, quando ia na carreira para caçar um porco, cor-tou a perna com um facão. O corte foi bem profundo, mas o tendão não foi atingido. Deve ter feito um esforço tremendo para andar, de volta até a aldeia, mas ele não deixa transpa-recer nada!

Segunda-feira, 9 de março de 1953

Clara, lavando roupa no rio, nem percebe que uma cobra bem grande passou na rama das árvores, bem por cima de sua cabeça! Algumas mulheres chegam para buscar água e tratam de avisá-la... mas não parecem muito preocupadas... Elas sabem que a cobra tem ainda mais medo que ela e não iria ficar por perto. Foi de fato o que aconteceu...

Sábado, 14

Vamos mais uma vez prepa-rar a futura roça. Os Tapirapé, que saíram há quatro dias e tinham fica-do na mata, voltam hoje, trazendo todo o material necessário para fazer as flechas. O reencontro é como sem-pre bem alegre! Mas o cansaço deles é evidente! Tiveram que andar mais depressa, na volta, porque não tinham mais farinha.

Domingo, 15

Taywi conversa longamente conosco e nos explica os costumes deles em relação à alimentação das crianças ao serem desmamadas: mais ou menos quando têm um ano e meio, elas não podem comer carne de porco e certos peixes. Conta-nos também que quando uma criança nasce, o pai não pode comer peixe durante três dias.

Terça-feira, 17

De tarde, muito alegres, os Tapirapé nos avisam que vão recomeçar a cantar e dançar. De fato, voltamos a ouvir cantos alegres na mata, mas não ainda na aldeia, porque a mãe de Warinimtygi continua a chorar.

Sábado, 21

Todos os homens pintam o corpo com desenhos pretos, refazem os enfeites e terminam a casa dos homens, começada antes da morte de Warinimtygi. Depois dançam. Nossa alegria é grande! Começamos a pensar na Semana Santa e vemos juntas como vivê-la mais profundamente.

Domingo, 22

Vamos à fazenda, porque Clara tinha que dar algumas injeções por lá. Na volta, nos emprestam uma canoa. Konomiti foi conosco e ao ver que estamos indo em direção de algumas árvores submersas, nos declara: "Vocês não sabem!". Toma o leme e nos leva a um porto seguro. Fazemos a travessia de tardezinha. O lago está uma maravilha, muito calmo. As gaiotas mergulham e logo levantam vôo, com alguma presa no bico. As árvores se refletem serenamente na água escura. Chegamos ao cair da noite e Konomiti passa à frente, nos declarando..."Se houver alguma cobra, eu mato!"... É um boa guia e um valioso protetor!

Terça-feira, 24

Ou vimos um barulho de motor... Ora aumenta, ora diminui... De repente, não há mais dúvida. Taywi vem nos avisar: "É Frei Gil"... De fato, quando chegamos ao porto, o Tupãri já está lá. Mas não é Frei Gil, e sim um jovem dominicano que nos saúda em português. Tentamos responder corretamente, mas Frei Pio interrompe: "Podem falar em francês... eu também sou francês!" Ele é de Carvaillon e Denise reconhece o sotaque de sua região.

Quinta-feira, 26

Frei Pio celebra às 5h e vai embora logo depois. De tarde, pela primeira vez, podemos

rezar durante as horas de adoração com o Santíssimo Sacramento exposto! Toda a população da aldeia - grandes e pequenos - vem olhar, através da parede de bambus da capela, as velinhas acesas sobre o altar..

Mais tarde, Taywi nos conta mais alguns costumes Tapirapé: quando um rapaz está completando seus dezoito anos, deixa o cabelo crescer até a época do ritual de sua passagem da infância à idade adulta. Ao chegar o dia da festa de iniciação, enfeitam-no com muito esmero: prendem os cabelos deles nas costas com algodão preto e muitos enfeites, colocam na sua cabeça um grande cocar de penas de arara. O corpo, braços e pernas também são enfeitados com penas e algodão pintados de vermelho e preto. Ele não pode dormir naquela noite e deve dançar para se manter acordado. Mas se for muito difícil resistir ao sono, tem que beber um líquido apimentado que o desperta imediatamente. Durante o dia seguinte pode descansar. Em certas épocas, quando há vários jovens da mesma idade, as festas se sucedem noites seguidas. Depois deste ritual, o rapaz é considerado homem feito. Troca o nome de criança por outro, de adulto.

Para as meninas, a cerimônia de entrada na idade é mais simples. Quando fica mocinha, tem que passar o dia na rede, sem fazer nada. Certos alimentos lhe são interditados durante várias luas. No dia da sua festa, pintam-na de preto e os cabelos são untados com urucu. Ela também recebe um novo nome.

Domingo, 29 - Domingo de Ramos

Clara cedinho vai cortar umas folhas de bananeira para por na capela. Lemos a liturgia do Domingo de Ramos. Dia bem silencioso, a aldeia está tão calma... Nós nos sentimos muito unidas a todas as fraternidades pelo mundo afora.

Os Tapirapé respeitam cada vez mais o descanso do domingo, simplesmente porque vêm que é um dia diferente para nós. E nós percebemos que não podemos minimizar nenhuma expressão exterior que possa nos ajudar.

Segunda-feira, 30

Os Tapirapé vão todos à mata buscar palhas grandes para as paredes da takara (15), que estão com pressa de terminar. Voltam juntos, cantando, inteiramente recobertos de palhas. Desfilam como se fossem peyra ambulantes e não conseguimos reconhecer nenhum deles... É como sempre através desses trabalhos coletivos que adivinhamos a vida deles, sua vida profunda. Xario vem de tarde conversar um tempinho conosco.

Quinta-Feira Santa, 2 de abril de 1953

Os Tapirapé não têm a menor idéia do que este dia significa para nós. Até mesmo aqueles que passaram vários anos em Conceição não parecem ter guardado nenhuma

(15) Takara: casa de festas, no meio da aldeia.

lembança marcante da Semana Santa... Mas bem que eles notam que hoje passamos mais tempo na capela.

A vida retoma o ritmo normal das festas, interrompido pelo luto de Warinimytygi. Os homens chegam da mata carregando nas costas folhas de bananeiras selvagens. Dentro das peyra elas formam pacotes cilíndricos de quase três metros... Imediatamente recobrem o teto da casa dos homens, que é a casa de festas. Ela está quase pronta e os xire'i instalam-se nela. As mulheres e as meninas não têm o direito de entrar. Antigamente os meninos pequenos também não tinham. Qualquer infração à lei poderia ser punida de morte. Hoje em dia, esses regulamentos são menos rigorosos.

Os cantos e danças começaram hoje e a partir de agora, todas as noites, dois homens dançarão a noite inteira. Eles tentaram, através de mímicas, transmitir-nos uma de suas lendas, mas não conseguimos entender muito...

Esta noite ficamos em casa e nos limitamos a escutar as danças... mas numa outra ocasião iremos assisti-las. Notamos que estão felizes e orgulhosos porque vão começar as festas rituais.

Ao redor de nós, nada nos lembra a quinta-feira santa. Resta apenas a nossa oração. Levantamos de noite para rezar mais prolongadamente. Os cantos dos Tapirapé nos acompanham o tempo todo!

Sexta-Feira Santa, 3

Procuramos guardar o silêncio interior... O exterior também é fácil, porque nossos amigos quase não saem da casa dos homens.

Taywi vem nos convidar para assistirmos a uma das cerimônias: o apelo à caçada; esta está prevista para amanhã. Chegamos um pouco tarde, pois não reconhecemos logo o grito de apelo lançado pelo Tapirapé mais velho. Mal o ouvem, os homens correm com arcos e flechas e entram na casa dele. Gritam e dançam ao redor do fogo. Nós, as mulheres, não podemos entrar, mas temos o direito de olhar através da palha. Ficamos pensando que esses rituais têm certamente um sentido religioso, embora este tenha perdido sua força, pois os jovens não sabem mais do que se trata.

Sábado Santo, 4

Como foi previsto ontem, todos os homens partem juntos para a caçada, mas de tarde voltam em grupos. Levam tudo que trouxeram para a takara e vão cuidar logo das carnes.

(16) Tamakora: pulseira escarlate, tecida em algodão e tingida de urucu.



Genoveva, na aldeia antiga, antes da divisão, com a takara (casa de testes), no meio da aldeia.

Dizem que não conseguiram as caças próprias para a festa, mas assim mesmo trouxeram um gato maracajá, do tamanho de um cachorro grande e que parece uma pantera.

Domingo de Páscoa, 5

Konomiti vem nos oferecer um pedaço do gato maracajá... Isso será nosso almoço de Páscoa, com o acompanhamento de algumas conservas que recebemos das Irmãzinhas do Rio.

O dia de hoje está parecendo um dia igualzinho aos outros, mas no coração de cada uma - e também entre nós três - é a festa da Ressurreição que quer manifestar-se com suas graças de alegria e confiança em Deus.

Quarta-feira, 8

Anano está felicíssimo e o pai dele também. Ficou tão bonito! Braços e pernas enfeitados de algodão e com tamakora (16) pintadas de urucu e enfeitadas de penas vermelhas, contrastando com a brancura do algodão. Os cabelos estão vermelhos, o rosto cor de laranja e o corpo coberto de desenhos geométricos.

Dois homens chegam com aparelhos para pulverizar DDT nas casas. A nossa fica branquinha de pó... Os Tapirapé recusam, dá muito trabalho para limpar depois!

Quinta-feira, 9

De tarde ouvem-se gritos e cantos por toda a aldeia: é a preparação da festa que está chegando! Todos pintaram os pés com urucu. As pernas estão enfeitadas de penugem de pato, além das ta-makora. Os cabelos estão brilhantes de gordura de tartaruga e bem amarrados atrás com cipós. Eles usam os colares mais bonitos que têm, alguns até enfeitam o pescoço com penas. Todo o pessoal do SPI veio ver. Enquanto os homens e meninos Tapirapé lutam entre si, as mulheres mantêm-se a uma distância respeitável!

Domingo, 12

Os Tapirapé nos mostram os apetrechos para as danças. As máscaras são muito compridas, mais ou menos de um metro, e têm formas diferentes para representar seres masculinos e femininos.

Paxe'apara e depois Irawyo nos dão um pedaço de veado: "Você cozinha e depois eu venho buscar", nos dizem.

Quarta-feira, 15

Genoveva e Clara, de machado em punho, vão para a futura roça - acompanhadas, como sempre, por Korawa.

Várias famílias vão passar três dias na mata para buscar mel, jaboti e caçar porcos

selvagens... mas antes vêm à nossa casa para pedir emprestado panela, faca, etc.

Sexta-feira, 16

Vamos pescar no lago, de canoa. O sol ainda não está muito alto e a paisagem é uma beleza! Mais felizes do que nós, alguns pássaros dão um rápido mergulho e logo retomam o vôo, carregando a presa... enquanto isso nossa isca permanece impassível dentro d'água... não se nota nem mesmo um tremor no anzol!

Mais tarde Awarao e Irawyo nos convidam para uma pescaria. Clara vai. Com a cheia, a água cobriu as margens do lago e submergiu árvores. Num certo ponto, muitos ramos afloram, formando um grande emaranhado de troncos e cipós. A água é menos profunda e é para lá que eles levam a ubá. É preciso abaixar-se para proteger o rosto. A ubá avança lentamente, até que Awarao enxerga um peixe. Ele larga o remo, pega tranqüilamente o arco e flecha, põe-se de pé, faz pontaria... e o peixe não escapa. Depois segura a flecha e sacode-a devagar dentro da ubá, até que o peixe caia. Voltam com sete belos jaraquis no fundo da ubá. Awarao perdeu apenas dois! Eles nos dão alguns e têm a delicadeza de nos convidar para participarmos das próximas pescarias.

Terça-feira, 21

Os Tapirapé passam o dia preparando-se para a dança de amanhã. Homens e mulheres pintam-se de preto. Cada um ostenta no rosto e no corpo um desenho, cada qual mais artístico do que o outro.

Dois jovens vão novamente buscar palhas verdes bem compridas para confeccionar os trajes da dança. Duas enormes máscaras, que representam o homem e a mulher, estão prontas na takara. Têm a forma cilíndrica e colocam-se sobre a cabeça, cobrem o rosto e descem ao longo do corpo até a cintura, onde começa uma saia comprida, também feita de palhas verdes. Um rosto muito estilizado e enfeitado com penas foi pintado nas palhas entrelaçadas de cada máscara.

